

LIVROS PARA CONHECER O BRASIL

Antônio Cândido (DTLLC¹)

(Adaptado de: fflch.usp.br/guiabibliografico. Acesso em 10/03/16)

Quando nos pedem para indicar um número muito limitado de livros importantes para conhecer o Brasil, oscilamos entre dois extremos possíveis: de um lado, tentar uma lista dos melhores; de outro lado, indicar os que nos agradam e, por isso, dependem sobretudo do nosso arbítrio e das nossas limitações.

É sempre complicado propor listas reduzidas de leituras fundamentais. Na elaboração da que vou sugerir (a pedido) adotei um critério simples: já que é impossível enumerar todos os livros importantes no caso, e já que as avaliações variam muito, indicarei alguns que abordam pontos a meu ver fundamentais, segundo o meu limitado ângulo de visão. Imagino que esses pontos fundamentais correspondem à curiosidade de um jovem que pretende adquirir boa informação a fim de poder fazer reflexões pertinentes, mas sabendo que se trata de amostra e que, portanto, muita coisa boa fica de fora.

Como introdução geral não vejo nenhum melhor do que **O povo brasileiro** (1995), de Darcy Ribeiro, livro trepidante, cheio de ideias originais, que esclarece num estilo movimentado e atraente o objetivo expresso no subtítulo: “A formação e o sentido do Brasil”.

Quanto à caracterização do português, parece-me adequado o clássico **Raízes do Brasil** (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, análise inspirada e profunda do que se poderia chamar a natureza do brasileiro e da sociedade brasileira a partir da herança portuguesa, indo desde o traçado das cidades e a atitude em face do trabalho até a organização política e o modo de ser. Nele, temos um estudo de transfusão social e cultural, mostrando como o colonizador esteve presente em nosso destino e não esquecendo a transformação que fez do Brasil contemporâneo uma realidade não mais luso-brasileira, mas, como diz ele, “americana”.

Em relação às populações autóctones, ponho de lado qualquer clássico para indicar uma obra recente que me parece exemplar como concepção e execução: **História dos índios do Brasil** (1992), organizada por Manuela Carneiro da Cunha, que nos iniciam no passado remoto por meio da arqueologia, discriminam os grupos linguísticos, mostram o índio ao longo da sua história e em nossos dias, resultando uma introdução sólida e abrangente.

Seria bom se houvesse obra semelhante sobre o negro; tomara que ela apareça quanto antes. Os estudos específicos sobre ele começaram pela etnografia e o folclore, o que é importante, mas limitado. Surgiram depois estudos de valor sobre a escravidão e seus vários aspectos, e só mais recentemente se vem destacando algo essencial: o estudo do negro como agente ativo do processo histórico.

Esses três elementos formadores (português, índio, negro) aparecem inter-relacionados em obras que abordam o tópico seguinte, isto é, quais foram as características da sociedade que eles constituíram no Brasil, sob a liderança absoluta do português. A primeira que indicarei é **Casa grande e senzala** (1933), de Gilberto Freyre. Verdadeiro acontecimento na história da cultura brasileira, ele veio revolucionar a visão predominante, completando a noção de raça (que vinha norteando até então os estudos sobre a nossa sociedade) pela de cultura; mostrando o papel do negro no tecido mais íntimo da vida familiar e do caráter do brasileiro; dissecando o relacionamento das três raças e dando ao fato

¹ DTLLC: Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada

42 da mestiçagem uma significação inédita. Cheio de pontos de vista originais, sugeriu entre outras
43 coisas que o Brasil é uma espécie de prefiguração do mundo futuro, que será marcado pela fusão
44 inevitável de raças e culturas.

45 Sobre o mesmo tópico (a sociedade colonial fundadora) é preciso ler também **Formação do**
46 **Brasil contemporâneo, Colônia** (1942), de Caio Prado Júnior, que focaliza a realidade de um ângulo
47 mais econômico do que cultural, estudando a expansão demográfica que foi configurando o perfil do
48 território.

49 Caracterizada a sociedade colonial, o tema imediato é a independência política, que leva a
50 pensar em dois livros de Oliveira Lima: *D. João VI no Brasil* (1909) e *O movimento da*
51 *Independência* (1922), sendo que o primeiro é das maiores obras da nossa historiografia. No entanto,
52 prefiro indicar um outro, aparentemente fora do assunto: **A América Latina, Males de origem**
53 (1905), de Manuel Bonfim. Nele a independência é de fato o eixo, porque, depois de analisar a
54 brutalidade das classes dominantes, parasitas do trabalho escravo, mostra como elas promoveram a
55 separação política para conservar as coisas como eram e prolongar o seu domínio.

56 Um tópico de grande relevo é o isolamento geográfico e cultural que segregava boa parte das
57 populações sertanejas, separando-as da civilização urbana ao ponto de se poder falar em “dois Brasis”,
58 quase alheios um ao outro. As consequências podiam ser dramáticas, traduzindo-se em exclusão
59 econômico-social, com agravamento da miséria, podendo gerar a violência e o conflito. O estudo
60 dessa situação lamentável foi feito a propósito do extermínio do arraial de Canudos por Euclides da
61 Cunha n’**Os sertões** (1902), livro que se impôs desde a publicação e revelou ao homem das cidades
62 um Brasil desconhecido, que Euclides tornou presente à consciência do leitor graças à ênfase do seu
63 estilo e à imaginação ardente com que acentuou os traços da realidade, lendo-a, por assim dizer, na
64 craveira da tragédia.

65 Da Proclamação da República até 1930 nas zonas adiantadas, e praticamente até hoje em
66 algumas mais distantes, reinou a oligarquia dos proprietários rurais, assentada sobre a manipulação da
67 política municipal de acordo com as diretrizes de um governo feito para atender aos seus interesses. A
68 velha hipertrofia da ordem privada, de origem colonial, pesava sobre a esfera do interesse coletivo,
69 definindo uma sociedade de privilégio e favor que tinha expressão nítida na atuação dos chefes
70 políticos locais, os “coronéis”. Um livro que se recomenda por estudar esse estado de coisas (inclusive
71 analisando o lado positivo da atuação dos líderes municipais, à luz do que era possível no estado do
72 país) é **Coronelismo, enxada e voto** (1949), de Vitor Nunes Leal, análise e interpretação muito
73 segura dos mecanismos políticos da chamada República Velha (1889-1930).

74 O último tópico é decisivo para nós, hoje em dia, porque se refere à modernização do Brasil,
75 mediante a transferência de liderança da oligarquia de base rural para a burguesia de base industrial, o
76 que corresponde à industrialização e tem como eixo a Revolução de 1930. A partir desta viu-se o
77 operariado assumir a iniciativa política em ritmo cada vez mais intenso (embora tutelado em grande
78 parte pelo governo) e o empresário vir a primeiro plano, mas de modo especial, porque a sua ação se
79 misturou à mentalidade e às práticas da oligarquia. **A revolução burguesa no Brasil** (1974), de
80 Florestan Fernandes, é uma obra de escrita densa e raciocínio cerrado, construída sobre o cruzamento
81 da dimensão histórica com os tipos sociais, para caracterizar uma nova modalidade de liderança
82 econômica e política.

83 * *Artigo publicado na edição 41 da revista Teoria e Debate – em 30/09/2000*